



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A POESIA VERBIVOCOVISUAL, O SUPORTE DIGITAL E O LEITOR-NAVEGADOR: LITERATURA INTERATIVA E CIBERCULTURA, UMA EXPERIÊNCIA DE RECEPÇÃO NO NÍVEL MÉDIO

Autora: Isabelle de Araújo Pires

Orientadora: Dr^a. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

Universidade Federal de Campina Grande (issapires@hotmail.com)

Nesta pesquisa realizamos um experimento de convivência com poemas visuais, em uma turma do segundo ano do Ensino Médio de escola privada, da cidade de Campina Grande. O trabalho de prática de leitura de poemas visuais teve, além do intuito de divulgação de poemas, experimentais (visuais e concretos), proporcionar uma leitura literária diferenciada através de textos híbridos que dialogam com outras linguagens, como a tipografia, a publicidade, as artes plásticas e a geometria, na tentativa de favorecer a convivência do leitor com a poesia e consequentemente a experimentação do prazer estético. Neste contexto, nosso trabalho também contemplou a leitura de poemas pelos alunos em suportes distintos, como o vídeo e a *Web*. Os resultados da pesquisa nos indicaram que a leitura de poemas visuais foi um tema novo, porém os alunos mostraram-se mais motivados ao trabalho com a poesia visual interativa e animada, favorecida pelos recursos da mídia eletrônica, comparado à leitura de poemas visuais impressos. Dessa forma, a experiência de leitura proporcionou aos colaboradores da pesquisa a vivência com os poemas de forma reflexiva, contudo, lúdica e espontânea. Nos resultados obtidos, confirmou-se a relevância em se trabalhar a leitura de poemas visuais na sala de aula, fazendo uso também das tecnologias a partir da proposta de uma leitura literária em suportes diversos.

Palavras - chave: Literatura, Poesia Visual, Recepção, Ensino, Cibercultura.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

A poesia desenvolvida no Brasil a partir da segunda metade do século XX é marcada por transformações estéticas, decorrentes das mudanças social, política, científica e cultural, de acordo com Menezes (1998). Segundo o autor, por esse motivo, surgiram novas formas de expressão condizentes com uma sociedade em que tudo acontece de maneira rápida, devido ao extraordinário avanço tecnológico e à linguagem dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, existem várias vertentes criativas na poesia atual e, dentre as mais expressivas está, na nossa concepção, a Poesia Visual.

A expressividade da Poesia Visual é significativa, visto que ela estabelece correlações entre dois sistemas significantes - o verbal e o icônico. Essa duplicidade de construção aguça a percepção do leitor para buscar integrar todos os níveis de informações presentes nos dois sistemas que a compõe.

O desafio para se construir sentidos na apreciação da Poesia Visual parece tornar-se ainda maior quando o leitor que com ela irá interagir integra o público do Ensino Médio, uma vez que, segundo Colomer (2007), esse público sente certa aversão pela leitura literária, por diversos fatores, dentre eles, a distância entre o mundo vivenciado pelo aluno e o mundo contextualizado nas obras que lhes são oferecidas, na maioria das vezes, obras clássicas que deverão ser lidas para um determinado fim (o exame vestibular), num tempo específico. Uma leitura estranha e obrigatória contribui, segundo a autora, para que esse público não aprecie a leitura literária.

De acordo com Silva, (2005), diante das novas ferramentas de comunicação, do predomínio do signo icônico e dos desafios que a literatura enfrenta no mundo contemporâneo, a escola precisa reavaliar suas atividades para incentivar a leitura literária.

Em decorrência das frequentes e rápidas mudanças contextuais, além das novas propostas curriculares, urge a necessidade dos professores repensarem constantemente a prática pedagógica com base em algum suporte teórico-metodológico. A partir dessa premissa, julgamos ser significativo oferecer ao aluno a oportunidade de interagir com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

poemas que contemplem também a linguagem do mundo cibernético, universo tão apelativo para esse público específico.

Foi como resultado da vivência com o texto literário, e, mais especificamente, com a poesia, que surgiu este trabalho. Dentro do universo amplo da poesia, optamos por trabalhar com a vertente das poéticas visuais, e isso por razões que já expressamos anteriormente.

O fato de parecerem ainda pouco conhecidos, apesar da boa quantidade de poemas que foram produzidos no Brasil desde o a década de 50, torna-se ainda mais relevante o trabalho com os poemas visuais, visto que se apresentam como voz viva e contemporânea que pode dizer muito do homem de nosso tempo, por meio de poemas cuja representação e linguagem estão mais próximas das nossas próprias experiências, se comparadas com textos de 5 ou 6 séculos passados. Além disso, é significativa a realização estética de muitos desses textos, sem descartar também o veio crítico em alguns poemas. É importante esclarecer que não entendemos a poesia visual como uma estética superior a nenhuma outra estética; apenas acreditamos que há um valor peculiar nessa poesia.

Nosso objetivo inicial neste trabalho foi verificar a repercussão de poemas visuais entre jovens leitores. Para tanto, foram selecionados nove poemas de poetas diversos para analisarmos a recepção desses textos entre alunos do Ensino Médio. No entanto, no decorrer do trabalho, percebemos ser relevante oferecer também a versão eletrônica e animada de alguns poemas impressos, pois entendemos que apresentá-los aos alunos em suportes diferenciados, como o vídeo e a *Web*, poderia ser uma alternativa de aceitação aos textos, tendo em vista ser significativo explicitar como os diferentes sistemas simbólicos em permanente diálogo, pelo fato de mediatizarem a organização cognitiva da realidade, tornam-se cada vez mais relevantes na cultura cibernética¹.

¹ A Cibernética denota, tipicamente, o estudo interdisciplinar e o emprego estratégico dos processos de controle comunicativo em "sistemas complexos". Compreendemos a cibernética não só como um campo de pesquisa e aplicação tecno-científica, mas como um termo conotando as formas ultramodernas de exposição em redes sociais que possuem o maior alcance possível. Nesse sentido, usaremos a expressão "cultura cibernética" para configurar "cultura digital" que resulta das camadas fluidas, de alta velocidade e densa estratificação, das redes de comunicação. Disponível em: members.fortunecity.com/cibercultura/.../bpfohl.html. Acesso em: 31, maio, 2011.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nessa perspectiva, a pesquisa se organizou em torno da seguinte questão: Como alunos do Ensino Médio receberiam o poema visual?

A escolha do *corpus* da pesquisa se deu porque os poemas valorizam a utilização de recursos tecnológicos e a interação da poesia com aproximações plásticas, midiáticas, fônicas, táteis, tipográficas, entre outras, sendo, deste modo, poemas ricos e variados, a nosso ver. Foram então escolhidos, para esta pesquisa, os poemas “ovonovelo” (1956), “Uma vez” (1957), “Poema bomba” (1982) e “Cidade” (1963), de Augusto de Campos; “beba coca cola” (1957) e “O organismo” (1960), de Décio Pignatari; “poema sem título (rua-sol)” (1957), de Ronaldo Azevedo e “poema sem título (koito)” de Villari Herrmann (1957).

Nessa seleção, os poemas perpassam algumas variações dentro do que chamamos de Poesia Experimental². Aqui, apresentaremos apenas a classificação feita por Menezes (1998). Dessa forma, tentamos abordar textos variados, que apresentassem aspectos que pudessem despertar o interesse do grupo jovem a quem se destinou à pesquisa. De maneira geral, pretende-se estudar a recepção de poemas visuais com alunos voluntários do segundo ano médio da rede privada de ensino para então analisar a relevância do caráter icônico-simbólico de alguns poemas visuais previamente selecionados e examinar o modo de atribuição de leitura desses textos em sala de aula.

Poesia Experimental e suas acepções no contexto da modernidade

A expressão “poesia experimental”, no contexto da modernidade, de acordo com Menezes (1998) refere-se a toda e qualquer forma de poesia que utiliza recursos fora do texto versificado tradicional, buscando atender a uma compreensão estética do início do século XX: se o mundo está em transformação veloz, há que se buscar sempre novas formas de dizê-lo e de interferir nele. A partir deste entendimento, a poesia

² A poesia experimental é essencialmente característica da segunda metade do século XX e segue uma orientação no sentido de experimentar ou construir objetos poéticos dando importância às intuições e à sua relação dialética com os signos. Esta poesia é caracterizada igualmente pelo automatismo surrealista e por uma análise aplicada às estruturas morfológicas e sintáticas, à rima, às analogias verbais, à distribuição visual dos espaços e dos caracteres gráficos. A principal tendência da poesia experimental é para explorar ao máximo as possibilidades estruturais de um dado material artístico independentemente de qualquer intenção significativa. Disponível em: www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/.../poe_exp.html. Acesso em: 31, maio, 2011.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

experimental se desenvolveu sob perspectivas estéticas: a visual e a sonora. Ela propõe uma leitura dinâmica, fácil e rápida, condizente com o tempo no qual se manifesta com mais expressividade: a modernidade. Na atualidade, essa expressividade ganhou força e dimensão devido aos meios de comunicação de massa como o computador, o vídeo e a internet, que promovem recursos de movimento, cores, sons para os textos, antes, impossíveis.

Os termos “imagem” e “visualidade” em poesia não dizem respeito àquelas imagens produzidas pela linguagem verbal: não se trata da descrição de imagens pelas palavras, ou, a imagem visualizada por meio do texto verbal. Para a compreensão do ponto de vista deste trabalho, limitou-se a distinguir entre o entendimento padrão que vê a poesia como uma *articulação de código verbal* (por isso, não haveria poesia fora do código verbal) e um entendimento subjacente que parte de uma ampliação da *articulação de código* para chegar a uma *articulação de linguagem*. Neste sentido, há uma especificidade da linguagem poética que permitiria a criação de poemas feitos também de signos não verbais.

No entanto, tal diferenciação não pretende esboçar definições cabais do que vem a ser “poesia”, mas serve para mostrar que é possível uma poesia além do signo verbal, aceitando que pode haver uma interpenetração de códigos e sistemas de signos dentro daquilo que se chama “poesia”. Existe, pois, uma “poética da visualidade” em que é possível se falar numa poesia na qual o signo plástico exerça uma função poética (que não é o mesmo que um signo visual exercendo uma função plástica numa poesia essencialmente verbal).

A visualidade em poesia pode ser encontrada também nas manifestações de poesia não versificada que antecederam ao movimento da poesia concreta. São conhecidas várias ocorrências ao longo da história de experiências com a visualidade em suas diferentes formas, tanto na poesia brasileira como na mundial.³

³ Como por exemplo, no Futurismo italiano, primeiro movimento artístico organizado do período, que surge na Itália nos primeiros anos do século XX (num manifesto polemico publicado no Jornal francês Le Figaro, assinado por Filippo Tommaso Marinetti, 1915). Pregando a destruição de museus e da tradição, o *Futurismo* procura estabelecer novas relações para o poema, a pintura, a escultura, a música, o teatro, o rádio, o cinema, o comportamento, a política, a industrialização, num mundo marcado pela ascensão das máquinas, que aponta para o surgimento de um novo homem. Ao desmontar os diques que separam as formas tradicionais de arte, o Futurismo italiano acaba por propor também um novo panorama das formas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

De maneira geral, é possível traçar um quadro temático geral da poesia concreta e visual. Dentro da metalinguagem se distingue duas temáticas: o próprio poema e a arte. O tema do próprio poema é o que podemos chamar de autorrefletiva (“poema bomba”, “koito”, são exemplos de poesias visuais autorreflexivas que estão no corpus do trabalho). Nesse caso o poema se refere a sua própria estrutura visual, fala seu próprio funcionamento.

Fora da metalinguagem explícita, podemos encontrar temas de qualquer outro estilo de poesia, como a observação da natureza ou fenômenos naturais (“pluvial-fluvial”, “ovonovelo”, parte da seleção do corpus), a vida moderna (“beba coca cola”, “uma vez”, “cidade, city, cité”, selecionados para o corpus) e outros temas sociais, como greve, fome, reforma agrária (ver site oficial de Augusto de Campos, poeta do grupo Noigandres e um dos fundadores do Concretismo no Brasil, junto com seu irmão Haroldo de Campos e do amigo Décio Pignatari- <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>) permeiam alguns poemas visuais modernos.

Os poemas visuais também interagem de forma mais lúdica com o leitor, de maneira que fosse desafiado a “brincar” com o texto, também possibilitado pelos meios midiáticos, onde a maioria dos textos visuais está inserida, seja em sites, seja em blogs, seja em vídeos animados. Associado ao ato de brincar, proporcionar prazer ao leitor dos poemas visuais, uma das funções prioritárias da literatura.

Assim, “através do caráter lúdico da literatura, o entendimento do leitor alastra-se para além dos sentidos do texto; ele passa a dar-se conta do próprio processo de leitura e, nessa caminhada, descobre-se enquanto sujeito capaz de tal empresa. Em suma, o leitor se lê”. (AGUIAR, 1997, p.34). Propor atividades lúdicas para trabalhar os textos poéticos é ter em vista brincadeiras que recuperem a espontaneidade e o comprometimento dos jogos, que provoquem desafios a partir dos sentidos dos textos e, sobretudo, que estimulem a participação do leitor.

Cabe também ao professor atuar como mediador na relação leitor/poemas e critérios a serem analisados. Sem falar em rótulos, o professor deve ir puxando todos os fios da organização verbal, sonora e visual dos textos e, a eles juntar, o tecido das páginas (virtuais ou não), onde se dá a disposição gráfico-espacial do poema – já que, em um texto, tudo significa.

artísticas em que elas se entrecruzam continuamente. Daí a ideia de se fundirem a poesia, a pintura e a música num mesmo objeto artístico.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O poema visual é um espaço rico e amplo, capaz de permitir a liberação do imaginário das pessoas. Assim, é preciso que o fato poético esteja muito presente e seja bem trabalhado pela escola, para que o universo escolar possa romper o tédio e a indiferença com que muitas vezes, se vê recoberto.

Menezes (1998, p. 09) postula que “o papel do ensino de poesia deveria ser o de mostrar como o prazer é a resposta fundamental ao poema, o sinal de que ele foi realmente entendido e assimilado em sua essência”. Os poemas visuais, segundo o autor, configuram uma atitude de humor, de riso diante da contemplação do texto. O riso é um indicativo de prazer, de gozo. Não se trata do riso sarcástico, que exclui e aniquila o objeto do riso, ou mesmo do riso da ironia crítica, que muitas vezes fazemos diante de algo que não entendemos. É o riso que se dá quando identificamos algo, quando sentimos que aquilo que aparentemente nos desconforta é por nós reconhecível.

Rir é algo que aprendemos a não fazer diante das coisas sérias e profundas, que exigem tratamento respeitoso, sóbrio e reflexivo. No entanto, fomos ensinados a associar ao ato de ler poemas sob uma postura séria, consternada. O riso é algo que a escola não tem associado à poesia: o prazer, conforme afirma Philadelfho Menezes (1998, p.09). Antes de ser um amontoado de linhas quebradas, rimadas, de difícil interpretação, a poesia foi desenho e canto, e, aos trancos e barrancos, assim se manteve historicamente até voltar, no século de imagens e sons, a se manifestar como palavra dotada de formas visuais e sonoras, culminando na chamada *poesia visual*, de um lado, e na *poesia sonora*, de outro (MENEZES, 1998).

A resposta do riso, indicador do prazer, “rompe com a ideia de que a poesia é o quarto escuro e silencioso da linguagem que o ensino de literatura parece mostrar” (MENEZES, 1998, p.96). Não queremos dizer que o poema visual seja pura imagem para ser “curtida” como desenho ou arte gráfica, numa forma de prazer meramente visual. Pelo contrário, a poesia é “outra forma de pensar”, associada fundamentalmente ao prazer exercido pela sensibilidade, o que difere do raciocínio puramente lógico e argumentativo da filosofia, por exemplo.

Essa outra forma de pensar e sentir carrega em si a ideia de que a poesia, em geral, é um jogo com a linguagem, um modo lúdico de se lidar com a comunicação humana, ainda que falando de assuntos sérios. Daí o riso, o prazer. É essa “outra forma de pensar e sentir” que o poema visual exhibe de maneira radical.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O suporte digital: uma literatura interativa - A Poesia Visual e o Ciberespaço

Utilizamos a versão de alguns poemas em vídeo animado porque entendemos que a possibilidade de vivenciar uma leitura diferenciada num suporte novo, dinâmico, diferente do que os alunos estavam acostumados nos fez escolher esse vídeo para que pudessem conhecer uma nova versão dos poemas que haviam lido no suporte papel, agora, animados pelos recursos multimídia, para que pudéssemos também avaliar a recepção dos poemas em suportes distintos.

Por um lado, os recursos estabelecidos no vídeo mostram os poemas com uma nova possibilidade de leitura, através do movimento das letras, do som e da disposição e ocupação dos elementos na tela holográfica do vídeo, que exercem uma função poética e contribuem para a construção dos sentidos dos textos.

Por outro lado, essas novas tecnologias (como a leitura holográfica de poemas visuais), trouxeram avanços nas práticas de leitura e escrita, exigindo autores e leitores ainda mais dinâmicos e capazes de reavaliar seus papéis a partir das exigências do mundo contemporâneo, marcado por uma cibercultura. Aos livros impressos somam-se os textos eletrônicos que surgem como uma nova ferramenta de comunicação e interação, instaurando novos paradigmas nas relações entre autores, textos e leitores, como pontua Silva (2005).

Nesse contexto, segundo a autora, marcado pela interatividade e pelo dinamismo dos recursos da era multimídia, a leitura literária busca encontrar caminhos, a fim de se adaptar às rápidas transformações ocasionadas pela revolução tecnológica.

Devemos refletir, enquanto profissionais de ensino, sobre o papel da literatura na cibercultura, em que o texto literário revela-se como meio de conhecimento do homem e do mundo, por meio da capacidade de ficcionalização. No computador, por haver a manipulação direta do texto possibilitada pelo movimento do mouse, como acontece na leitura dos *clip-poemas* de Campos,⁴ o leitor (navegador) passou à atividade interativa com o poema e isso contribuiu possivelmente para certa preferência de leitura dos poemas digitalizados.

⁴ Os clip-poemas estão divididos em três grupos: Intepoemas (animações interativas), animogramas e morfogramas. Foram dois anos de experiências entre tateios, curiosidades e descobertas utilizando os programas Macromedia Director e Morph.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Observamos, também, que os recursos eletrônicos utilizados para promover uma leitura mais dinâmica favorecem de alguma forma o entendimento do poema. Portanto, a independência e a autonomia na leitura dos poemas visuais que o meio digital proporciona se constituem em fator favorável para o estímulo à leitura literária, no nosso entender.

Ademais, a cultura digital, na nossa concepção, não vem tomar lugar da cultura analógica, mas, talvez dinamizá-la. De maneira nenhuma nosso trabalho entende a leitura de poemas visuais digitais apenas como um incentivo ao jogo lúdico e à brincadeira eletrônica. Tampouco concebemos a leitura virtual dos poemas visuais servindo ao entretenimento literário.

O cerne do nosso trabalho residiu em, a partir da leitura de poemas visuais, seja em papel impresso, seja em meio digital, abrir portas à educação da sensibilidade através da experiência simbólica, bem como a um alargamento de visão, a partir da vivência literária, do mundo do leitor, da sua consciência crítica de mundo, pela descoberta de outras possibilidades de vivência afetiva que a leitura literária pode proporcionar também em outros suportes de leitura.

Antologia

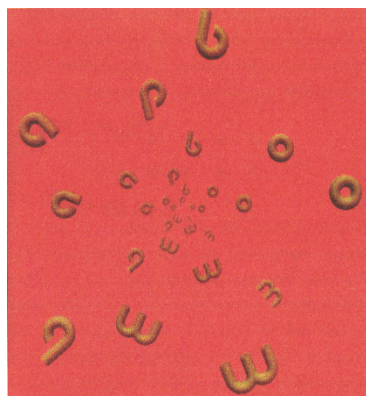
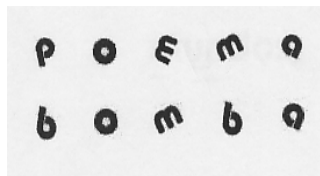
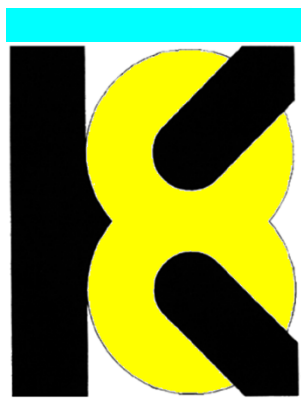


Pluvial/ Fluvial” (1959)/ O Pulsar poema/embalagem – ambos de Augusto de Campos



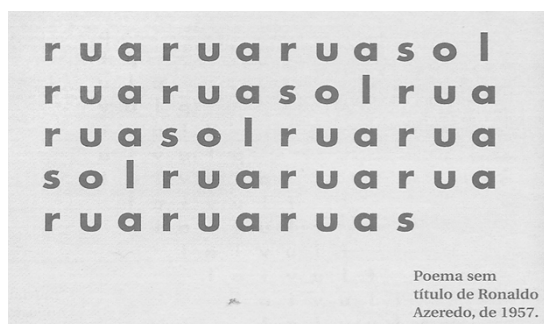
II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



versão II

Poema-montagem - "koito" (1971), de Villari Herrmann / Poema Bomba ou Bomba Poética – Versão II: computadorizada (1983-1997) de Augusto de Campos/"Organismo" (1960), de Décio Pignatari.





II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Beba coca cola, Décio Pignatari/ Poema “Cidade/City/Cité” (1963),
de Augusto de Campos

Atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahisto
riloqualubrimendimultipliorganiperiodiplastip
ublirapareciprorustisagasimplitenaveloveraviv
aunivoracidade
City
cité

Considerações finais

É importante ampliar o conceito de poemas, entendendo que estes podem ser formados pela combinação e cruzamento de diversas linguagens, como a verbal, visual e sonora, acrescidas também de elementos intersígnos, como o desenho, a pintura, os números, entre outras e conseguiram construir a significação, contemplando a interpretação das linguagens utilizadas.

Essa ampliação do conceito de poemas abarcando diversas linguagens deve ser fruto de orientações recebidas durante o desenvolvimento das leituras e discussões nas salas de aulas direcionando uma prática de leitura mais abrangente e aprofundada de poemas, atentando para todas as formas de significação presentes nos textos.

É preciso haver, nas aulas de leitura e literatura, uma leitura diversificada das possibilidades textuais, ou seja, numa proporcionalidade entre a leitura de textos clássicos da literatura e de textos mais contemporâneos.

Dessa forma, percebemos a necessidade da inserção de práticas pedagógicas que sistematizem a utilização também da leitura de imagens em sala de aula, integrando-as ao processo de ensino-aprendizagem de forma a familiarizar os alunos com a diversidade textual, permitindo-lhes lidar mais efetivamente com a nova realidade.

Quanto aos poemas visuais, acreditamos que negar-se a entendê-los como uma forma diversa de poesia é manter uma estrutura tradicional de separação das linguagens que não tem mais condições de perpetuar-se num mundo bombardeado por meios de comunicação e novas tecnologias que lançam mão de todas as linguagens possíveis ao mesmo tempo; seja para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entreter, informar, divertir ou seduzir. Por outro lado, em virtude da postura aguerrida que os movimentos de vanguarda tiveram que adotar para fixar suas ideias, talvez fique a impressão de que afirmar a validade de uma Poesia Visual é negar a continuidade da poesia em verso.

O fato de se experimentarem novas possibilidades estéticas, na poesia e nas artes em geral, não significa que as formas clássicas de expressão serão abandonadas. Elas se renovam no contato com as formas mais experimentais e passam a conviver com estas, muitas vezes, num mesmo projeto. E servem, frequentemente, como realimento para outros saltos experimentais. O mesmo se efetiva com as poéticas visuais históricas, como o poema figurativo.

Vale o poema bem realizado, e não mais o estilo a que pertence. Faz-se necessário, antes de tudo, preparar o professor para construir uma metodologia do ensino literário que possibilite o aluno a descobrir os sentidos do texto e reelaborá-lo, onde o entendimento do leitor alastre-se para além dos sentidos do texto, descobrindo-se enquanto sujeito capaz de dar conta do próprio processo de leitura.

Bibliografia

BORDINI, Maria da glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Formação do leitor, In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1993.

BOUGNOUX, Daniel. Índices, ícones, símbolos. In: **Introdução as ciências da informação e da comunicação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1994.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da poesia concreta**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Augusto de. **Site oficial**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/links.htm>. Acesso em: 02, maio, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: - **Vários escritos**. 3. ed .rev. ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.

MENEZES, Philadelfo. **Roteiro de leitura: poesia concreta e visual**. São Paulo: Ática, 1998.